

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

ANA ANGÉLICA BRUM SANSONE

**"O PRIMEIRO DIA DO RESTO DE SUA VIDA":
SIGNIFICADO DO TRABALHO E DA APOSENTADORIA PARA SERVIDORES EM
FASE DE PRÉ-APOSENTADORIA DO TRE-RS**

PORTO ALEGRE
2018

ANA ANGÉLICA BRUM SANSONE

"O PRIMEIRO DIA DO RESTO DE SUA VIDA":
SIGNIFICADO DO TRABALHO E DA APOSENTADORIA PARA SERVIDORES EM
FASE DE PRÉ-APOSENTADORIA DO TRE-RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientadora: Silvia Generali da Costa

PORTO ALEGRE

2018

Dedico este trabalho a todos que participaram e que me apoiaram ao longo desta trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por todas as oportunidades pessoais e profissionais que me proporcionou e continuará proporcionando em virtude da realização desta graduação.

À minha orientadora, professora doutora Silvia Generalli da Costa, pelo suporte e pelo conhecimento transmitido.

Ao TRE-RS e seus servidores por participarem desse estudo e me proporcionarem tamanha experiência de vida.

À minha família, por todo o suporte, mesmo nos momentos difíceis, e por não me deixar desistir dos meus objetivos e sonhos. Em especial, à minha mãe Ana Maria, que batalhou muito para me oferecer uma educação de qualidade e por ser meu exemplo.

*O sucesso é ir de fracasso em fracasso sem
perder entusiasmo.*

Winston Churchill

RESUMO

Esse estudo tem por objetivo investigar os sentidos do trabalho e da aposentadoria na percepção de servidores do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul (TER-RS) que estão prestes a se aposentar, trazendo reflexões sobre o significado do trabalho na construção de nossa identidade, assim como abordar as inquietações enfrentadas com maior frequência no momento da aposentadoria, quando ocorre a desvinculação com o trabalho formal. Também se discute a importância de nos prepararmos de forma adequada para a aposentadoria. A pesquisa foi realizada com doze servidores do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais, e os resultados foram examinados por meio de análise de conteúdo. Os resultados obtidos demonstraram que em virtude do trabalho ocupar um espaço tão relevante em nossas vidas, o momento da aposentadoria ao mesmo tempo que carrega muitas expectativas positivas como, por exemplo, disponibilidade de tempo livre, também é causador de medos e receios como, por exemplo, não saber como administrar esse novo tempo.

Palavras-chave: Trabalho. Aposentadoria. Programa de preparação para aposentadoria. PPA.

ABSTRACT

This study aims to investigate the meanings of work and retirement in the perception of public servants of the Regional Electoral Court of Rio Grande do Sul who are about to retire, reflecting about the meaning of work in the construction of our identity, as well as to address the concerns most frequently faced at the time of retirement, when untying occurs with formal work. This study also discusses the importance of preparing ourselves appropriately for retirement. The research was made with twelve public servants of the Regional Electoral Court of Rio Grande do Sul. Individual semi-structured interviews were conducted and the results were examined through content analysis. The results obtained showed that because the work occupies such a significant space in our lives, the moment of retirement at the same time that carries many positive expectations, such as the availability of free time, also causes fears, such as not knowing how to manage this new time.

Key words: Work. Retirement. Retirement Preparation Program. RPP.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Expectativa de vida ao nascer no Brasil - 1940/2016.....	16
Figura 2 – Expectativa de vida aos 65 anos no Brasil - 1940/2016	16

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TRE-RS – Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul

MOW – Meaning of Work

PPA – Programa de Preparação para Aposentadoria

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	JUSTIFICATIVA	13
1.2	OBJETIVO GERAL	13
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
2	CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1	TRABALHO: EXPECTATIVA DE VIDA, AUMENTO DE IDADE E REPRESENTATIVIDADE SOCIAL	15
2.2	APOSENTADORIA	18
2.3	PREPARAÇÃO PARA APOSENTARIA E O DESVÍNCULO COM O TRABALHO	20
3	PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTARIA DO TRE-RS	26
3.1	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PROGRAMA	26
3.2	PRINCIPAIS OBJETIVOS	26
3.3	PÚBLICO-ALVO	27
3.4	ESTRUTURA	27
3.5	TEMAS	27
3.6	HISTÓRICO DE AÇÕES JÁ DESENVOLVIDAS	28
4	METODOLOGIA	31
4.1	PARTICIPANTES	31
4.2	PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	31
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS	33
5.1	SIGNIFICADO DE TRABALHO	33
5.2	SIGNIFICADO DA APOSENTADORIA	35
5.3	MEDOS E RECEIOS COM RELAÇÃO À APOSENTADORIA	37
5.4	PRINCIPAIS EXPECTATIVAS COM RELAÇÃO À APOSENTADORIA	39
5.5	CÍRCULOS DE RELACIONAMENTO / CONVIVÊNCIA FORA DO EXPEDIENTE DE TRABALHO	40
5.6	PERCEPÇÕES SOBRE A RELEVÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA DO TRE-RS	42
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	49

APÊNDICE I - ROTEIRO UTILIZADO PARA AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	52
---	-----------

1 INTRODUÇÃO

O significado do trabalho para o homem é uma reflexão muito interessante e, atualmente, se faz necessária. Frases com mais de duzentos anos, como “O trabalho dignifica o homem”, de Benjamin Franklin, seguem em voga e parecem ganhar mais força a cada dia. Estamos em uma era na qual o excesso de trabalho é supervalorizado. “Na perspectiva social, o trabalho é o principal ordenador da vida humana associada. Regras, horários, atividades e interações sociais são dispostas conforme as exigências que as tarefas impõem” (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010 p. 23).

“O trabalho, ao lado do amor, pode ser a nossa principal fonte de sentido na vida” (BOTTON, 2009), e, seguindo essa ideia, o significado de trabalho supera o que chamamos de atividade profissional, pois passa a dar sentido à nossa existência.

O trabalho pode ser considerado como núcleo que define o sentido da existência humana. Toda a nossa vida centra-se no trabalho. Estamos sendo sempre preparados para ele, em todos os processos, mesmo quando tais significados não são compreendidos de modo mais preciso (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010). Para Magalhães *et al.* (2004), o trabalho é um aspecto muito relevante da identidade individual, tal como o nome, o sexo e a nacionalidade.

Nossa existência profissional é tão significativa que nos tornamos obcecados em ser e demonstrar nossas habilidades, competências e valores profissionais. Porém, muitas vezes, ignoramos o fato de que também precisamos do lazer e da diversão. Estamos tão preocupados com nosso “sentido”, que não nos questionamos sobre o que realmente gostamos e queremos fazer, não vamos atrás daquilo que realmente desperta a nossa paixão e justifica a nossa existência. Torna-se muito difícil aceitarmos a ideia de largarmos nosso emprego e aproveitarmos a vida de outras maneiras.

Se o trabalho traz sentido e possui uma série de representações ao longo da nossa existência, uma questão extremamente delicada e importante para reflexão engloba as pessoas em fase de aposentadoria, uma vez que a decisão de se aposentar significaria a perda do seu sentido social, sua identidade e seu valor:

“Talvez o afastamento do trabalho provocado pela aposentadoria seja a perda mais importante na vida social das pessoas” (FRANÇA, 2002, p. 14).

Dentre as possíveis definições encontradas para o vocábulo “aposentar” estão “pôr à parte, de lado”, “aquilo que já não presta ou que perdeu utilidade, recolher-se aos aposentos.” Outra imagem que pode ser associada ao conceito de “aposentar” é a dos elefantes que ao envelhecerem retiram-se do bando ou são retirados, seus últimos dentes caem, não conseguem comer e morrem de fome (MOORE, 2007 *apud* ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010, p. 31). Seguindo ainda a ideia de “desmerecimento” relacionada a aposentadoria:

Não é sem razão que a categoria dos aposentados é denominada nos registros formais de ‘inativa’. O que significa não estar em atividade, não manifestar qualquer tipo de ação, inoperante ou não funcionando. Sentido oposto à mobilidade ou movimento, o que constitui a essência da própria vida. O recado transmitido equivale a: se você não mais trabalha, deixa de ter importância.(...) a barreira que se ergue objetiva-se na dificuldade em participar das atividades consideradas “úteis” (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010, p. 31).

As dificuldades e expectativas vivenciadas ao longo do processo de aposentadoria, variam de pessoa para pessoa. Entretanto, o ideal seria que estivéssemos melhor preparados para lidar e entender esse momento de forma mais natural. Não deveríamos sentir essa culpa ou medo por, após anos de trabalho, nos darmos o direito de aproveitar a vida e termos tempo livre. Contudo, “são raros, para não dizer inexistentes, os espaços de orientação para aposentadoria nas organizações dentro de uma perspectiva longitudinal” (*Id., ibid.*, p. 33).

Para Leandro-França (2014), nem sempre os indivíduos vivenciam a aposentadoria com otimismo. Quando não é planejada de forma adequada, seja no âmbito financeiro, no fortalecimento das relações familiares e sociais, nas atividades de ocupação e de lazer ou nos cuidados com a saúde, a aposentadoria pode não garantir um futuro tranquilo como o almejado pelo trabalhador. Além de muitas vezes não estarmos devidamente preparados, temos a ideia de que o tempo disposto na aposentadoria é um tempo livre ligado ao “fazer nada” ou “deixar a vida correr” (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Evidencia-se então uma questão a ser pesquisada: como o significado do trabalho e a aposentadoria são percebidos pelos servidores do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul que estão próximos de se aposentar?

1.1 JUSTIFICATIVA

Ao observar o espaço existente para continuidade na exploração do tema aposentadoria, percebeu-se a possibilidade de elaborar um estudo para propagar a reflexão sobre como o trabalho carrega um papel centralizador em nossas vidas e como, em virtude disso, o momento da aposentadoria pode produzir uma série de conflitos e sentimentos, tais como ansiedade, medo, receios e expectativas. A pesquisa também se faz importante por refletir e ressaltar a relevância de nos prepararmos de forma adequada para esse momento de desvínculo com o trabalho, de modo que a transição trabalho-aposentadoria não se torne um transtorno na vida das pessoas. O estudo igualmente contribui para o enriquecimento dessa área de pesquisa, uma vez que ainda não possuímos muitos estudos focados nesse tema.

O público-alvo são pessoas em fase de pré-aposentadoria, entretanto verificou-se que as reflexões abordadas são relevantes não somente para esse público, mas também para toda a sociedade.

1.2 OBJETIVO GERAL

Investigar os significados do trabalho e da aposentadoria na percepção dos servidores do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul (TRE-RS) que estão prestes a se aposentar.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar o significado do trabalho ao longo da vida, especificamente para os servidores do TRE-RS prestes a se aposentar;
- Verificar o significado da aposentadoria que, para esse público, está em futuro

próximo;

- Identificar quais os principais receios e expectativas com relação à aposentadoria;
- Verificar qual a percepção dos entrevistados sobre o programa de preparação para aposentadoria do qual estão participando.

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, serão apresentados os referenciais teóricos utilizados para fundamentar o estudo. Inicialmente, serão abordados aspectos relacionados ao trabalho e sua representatividade social. A seguir, serão apresentados conceitos e aspectos relevantes relacionados à aposentadoria e, na sequência, serão expostos importantes elementos referentes à preparação para aposentadoria e o desvínculo com o trabalho.

2.1 TRABALHO: EXPECTATIVA DE VIDA, AUMENTO DE IDADE E REPRESENTATIVIDADE SOCIAL

Ainda não havíamos vivenciado um momento no qual a expectativa de vida fosse tão alta. O crescimento da população de idosos é uma realidade que está sendo vivenciado em todo mundo. Todavia, se, por um lado, o assunto aposentadoria pode remeter à ideia de tempo livre, viagens e recompensa, por outro, esse momento vem carregado de uma série de incertezas, preocupações, medos, negações e muitas vezes associações com pensamentos ligados ao final da vida.

Relatórios mundiais apontam que, pela primeira vez, as pessoas podem esperar viver mais de 70 anos de idade. No Brasil, dados mostram que a expectativa de vida ao nascer chega aos 75,8 anos (72,2 anos para homens e 79,4 para mulheres), o que representou um aumento de 30,3 anos para ambos sexos frente ao indicador de 1940. Em 1940, um indivíduo que atingisse os 65 anos possuía uma expectativa de viver em média 10,6 anos a mais. Já em 2016, ao atingir essa mesma idade, a expectativa passou para 18,5 anos. Além disso, em 1940, a população de 65 anos ou mais representava 2,4% do total. Esse percentual cresceu para 8,2 em 2016, um aumento de 5,8 pontos (IBGE, 2017). A figura 1 mostra a evolução da expectativa de vida ao nascer no Brasil desde 1940, enquanto a figura 2 demonstra a evolução da expectativa de vida aos 65 anos.

Figura 1 – Expectativa de vida ao nascer no Brasil - 1940/2016

Ano	Expectativa de vida ao nascer			Diferencial entre os sexos (anos)
	Total	Homem	Mulher	
1940	45,5	42,9	48,3	5,4
1950	48,0	45,3	50,8	5,5
1960	52,5	49,7	55,5	5,8
1970	57,6	54,6	60,8	6,2
1980	62,5	59,6	65,7	6,1
1991	66,9	63,2	70,9	7,7
2000	69,8	66,0	73,9	7,9
2010	73,9	70,2	77,6	7,4
2016	75,8	72,2	79,4	7,1
$\Delta(1940/2016)$	30,3	29,3	31,1	

Fontes: 1940 1950,1960 e 1970 - Tábuas construídas no âmbito da Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica.
1980 e 1991 - ALBUQUERQUE, Fernando Roberto P. de C. e SENNA, Janaina R. Xavier "Tábuas de Mortalidade por Sexo e Grupos de Idade - Grandes e Unidades da Federação – 1980, 1991 e 2000. Textos para discussão, Diretoria de Pesquisas, IBGE, Rio de Janeiro, 2005.161p. ISSN 1518-675X ; n. 20
2000 em diante - IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000-2060.

Fonte: IBGE (2017)

Figura 2 – Expectativa de vida aos 65 anos no Brasil – 1940/2016

Ano	Expectativa de vida aos 65 anos			Diferencial (anos) (M-H)
	Total	Homem	Mulher	
1940	10,6	9,3	11,5	2,2
1950	10,8	9,6	11,8	2,2
1960	11,4	10,1	12,5	2,4
1970	12,1	10,7	13,4	2,6
1980	13,1	12,2	14,1	1,9
1991	15,4	14,3	16,4	2,0
2000	15,8	14,2	17,2	2,9
2010	17,6	16,0	19,0	3,0
2014	18,3	16,6	19,7	3,1
2016	18,5	16,8	20,0	3,1
$\Delta(1940/2016)$	7,9	7,5	8,5	

Fontes: 1940 1950,1960 e 1970 - Tábuas construídas no âmbito da Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica.
1980 e 1991 - ALBUQUERQUE, Fernando Roberto P. de C. e SENNA, Janaina R. Xavier "Tábuas de Mortalidade por Sexo e Grupos de Idade - Grandes e Unidades da Federação – 1980, 1991 e 2000. Textos para discussão, Diretoria de Pesquisas, IBGE, Rio de Janeiro, 2005.161p. ISSN 1518-675X ; n. 20
2000 em diante - IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000-2060.

Fonte: IBGE (2017)

Tais informações ressaltam o nível de importância de uma preparação adequada para o período de aposentadoria. A discussão sobre essa transição trabalho-aposentadoria se faz cada vez mais necessária em nossa sociedade, pois, se a tendência é aumentarmos gradativamente nossa expectativa de vida, precisamos estar preparados para entender o período pós-trabalho e como aproveitá-lo da melhor maneira possível.

Ao longo da história, o trabalho passou por diversos conceitos e significados. Contudo, não há intenção, nesse estudo, de abordar essas definições e conceitos. O que se pretende aqui é argumentar sobre como o trabalho é uma questão central e discutir os conflitos que podem surgir no momento em que os indivíduos enfrentam a fase da pré-aposentadoria.

Desde a infância, é possível perceber a forte importância que é dada à preparação para o mundo do trabalho. Desde crianças, somos estimulados a pensar em nossa vida tecendo relações e atrelando-as ao trabalho, com perguntas como “o que você vai ser quando crescer?”. Apesar de esforços para mudanças, o foco escolar continua sendo o preparo para o trabalho, o vestibular e os concursos, pois o objetivo principal é que todos tenham um bom emprego e sejam bem-sucedidos, garantindo o crescimento econômico de nossa sociedade (PAZZIM; MOGETTI; CARDOSO, 2016).

A sociedade permeada por essa visão mercantilista baseia-se essencialmente naqueles que podem produzir e valoriza-os, obviamente com destaque para os detentores do capital. Tudo isso faz com que os demais, aqueles que não produzem ou não são “ativos” no mercado de trabalho, sintam-se deslocados e, muitas vezes, vistos como um peso, com menor importância ou ainda, deixam-nos na “invisibilidade” (*id., ibid.*, p. 86).

Para Kubo e Gouvêa (2012), o trabalho não é visto somente como forma de obter a renda, mas também como atividade que oportuniza realização pessoal, status social e possibilidade de estabelecer e manter contatos interpessoais, entre outros. Tal afirmativa vai ao encontro do exposto por Pazzim, Mogetti e Cardoso (2016) ao declarem que o trabalho pode ser visto como sinônimo de reconhecimento social e tem papel fundamental no desenvolvimento pessoal. Bitencourt *et al.* (2011) ratificam tal ideia ao afirmarem que o trabalho é um instrumento fundamental para a integração social e a autorrealização do indivíduo. Pazzim, Mogetti e Cardoso (*ibid.*) ainda complementam que os sentidos e significados do trabalho podem ser

entendidos como resultado da interação entre variáveis pessoais e sociais que estão relacionadas ao trabalho, e poderão apresentar implicações diferentes para cada um, variando desde efeitos de neutralidade até a centralização na identidade pessoal e social.

Considerando os aspectos expostos a respeito do trabalho em nossa vida, torna-se fundamental a discussão sobre a quebra desse vínculo que ocorre com a chegada da aposentadoria.

2.2 APOSENTADORIA

Preparar-se para o trabalho é tão importante quanto estar preparado para a sua desvinculação. Nesse sentido, Zanelli e Antloga (2014) afirmam que a aposentadoria pode ser entendida como um conjunto de eventos que se iniciam ainda na infância, e que o encerramento de carreira pode ser visto como um ato pontual em uma longa sequência de aprendizados e adaptações.

De maneira geral, vivemos um momento em que se supervaloriza a produção e aliena-se o trabalhador; a aposentaria é geralmente vista como a perda do sentido da vida, configurada como uma espécie de morte social (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Os salários, os benefícios, o prazer de ter algo para fazer, o ambiente, o percurso para o trabalho, os objetos, mobiliário, o status social, o poder que alguns empregos conferem, os colegas e em alguns casos até mesmo os clientes. Todos esses conteúdos fazem parte da história de vida, em relação a qual muitos não pensam sequer na possibilidade de substituição. Não é à toa que algumas pessoas quando deixam os empregos tendem a perder o senso de “pertencer a algo” (FRANÇA, 2002, p. 25-26).

França (2002) complementa afirmando que, mesmo que a aposentaria precise ser assumida como uma responsabilidade individual, a sociedade deve atuar como agente facilitador.

A aposentadoria por si só não é um problema, é um benefício conquistado ao longo do tempo pelos trabalhadores, podendo transformar-se em chance para a descoberta ou o retorno ao que se gosta, ou a um “fazer” mais fácil, menos

sacrificado e mais prazeroso do que o anterior. Dessa maneira, alguns pontos sensíveis são as relações que os indivíduos estabeleceram e continuarão estabelecendo com o trabalho e o não-trabalho ao longo de suas vidas; a maneira com que enfrentarão o movimento de desestruturação e reestruturação da identidade pessoal que esse período carrega (SELIG; VALORE, 2010; ROMANINI; XAVIER; KOVALESKI, 2005; ZANELLI; SILVA, 1996).

Magalhães *et al.* (2004) assinalam que a passagem para a aposentadoria é composta pelas seguintes etapas específicas: pré-aposentadoria, lua de mel, desencantamento, reorientação, estabilidade e término.

A pré-aposentadoria divide-se em duas fases: a fase remota e a fase aproximada. Na primeira, o indivíduo vê a aposentadoria como um fenômeno positivo que ocorrerá em “algum momento”, enquanto na segunda, o indivíduo orienta-se em relação a uma data específica para sua aposentadoria.

A fase da lua de mel se inicia com a aposentadoria propriamente dita. É caracterizada pelo sentimento de euforia, em que o indivíduo tenta realizar tudo aquilo que não tinha tempo disponível para fazer. Entretanto, algumas pessoas não passam por esta fase, por não possuírem os recursos financeiros necessários para tal ou não apresentarem atitudes tão positivas com relação à aposentadoria. Esse período pode ser muito curto ou consideravelmente longo, mas o fato é que a maioria dos indivíduos não consegue manter a empolgação da “lua de mel” indefinidamente e buscam estabelecer uma rotina.

O período do desencantamento ou depressão ocorre assim que a rotina começa a reinstalar-se na vida dos indivíduos, agora aposentados. Como já relatado, durante a fase de lua-de-mel as pessoas tentam viver as fantasias do período da pré-aposentadoria. Quanto mais irreais tiverem sido tais fantasias, mais intenso será o vazio do desencanto. A falência dessas fantasias representa o colapso de uma estrutura de escolhas, podendo resultar em sentimentos depressivos ao passo que o indivíduo deve recomeçar a organizar sua vida com base na realidade da aposentadoria.

No momento da reorientação é possível perceber um processo de reavaliação nas pessoas que vivenciaram fortemente a fase do desencantamento. Assim, a reorientação é a fase que envolve a exploração de novas possibilidades de envolvimento com o mundo em novos projetos de vida. O objetivo deste período é encontrar opções realistas que estabeleçam uma estrutura e uma rotina para a vida

na aposentadoria, proporcionando aos indivíduos um mínimo de satisfação.

Já a fase da estabilidade é aquela na qual os indivíduos conseguiram estabelecer critérios para lidar de maneira rotineira com as mudanças e com as escolhas relativas à aposentadoria, permitindo uma rotina confortável e satisfatória. Alguns indivíduos vivenciam esta etapa imediatamente após o término do período de lua de mel; outros ainda só a alcançam depois de uma dolorosa reavaliação de suas metas pessoais; outros ainda nunca chegarão a essa fase. É nesse momento de estabilidade que os indivíduos assumem o papel de aposentados.

Por fim, a fase do término – período atingido somente por alguns sujeitos. Nesse momento, a condição de aposentado perde a relevância dentro da realidade interna do sujeito. Algumas pessoas retomam o trabalho, mas para a maioria, o papel de aposentado é deixado em virtude de doenças incapacitantes. Quando não mais se é capaz de exercer atividades como serviços domésticos, autocuidado e afins, o papel de aposentado é substituído pela posição de doente e desabilitado; sendo que esta última, a partir desse momento, torna-se o fator organizador principal da vida do indivíduo. Tal mudança decorre da perda da saúde e da independência, condições indispensáveis para o adequado exercício do papel do indivíduo como aposentado. A dependência característica da idade avançada costuma progredir em etapas, possibilitando uma mudança gradual do papel de aposentado para o papel de desabilitado.

Conhecendo os diversos impactos que a aposentadoria pode trazer para os indivíduos, ressalta-se a importância de se realizar um preparo adequado para essa fase.

2.3 PREPARAÇÃO PARA APOSENTARIA E O DESVÍNCULO COM O TRABALHO

A partir do momento que entendemos e admitimos a importância do trabalho no contexto de nossa sociedade, podemos também compreender o quão difícil é aceitar a perda do papel social de trabalhador para os indivíduos no período de aposentadoria.

A transferência da identidade pessoal para a identidade profissional social pode gerar, no momento da aposentadoria, uma crise identitária, podendo essa crise

ser tão intensa quanto a vivida na adolescência. Isso pode ser atribuído ao lugar ocupado e a supervalorização relacionados ao papel profissional na atualidade (PAZZIM *et al.*, 2016).

Diante do exposto, pode-se considerar que essa fase de pré-aposentadoria/aposentadoria que antecipa a perda de vínculo com o trabalho formal é muito importante para os trabalhadores.

Para Duarte e Melo-Silva (2009), a pré-aposentadoria é um processo que as pessoas vivem em duas esferas: uma no âmbito individual – a qual ocorre quando o indivíduo toma a decisão de se aposentar – e outra no âmbito social, representando o momento no qual as pessoas, embora não se definam e nem se reconheçam como “pré-aposentadas”, na prática, parecem viver um momento de “suspensão social”, em que um certo vir-a-ser possivelmente conflituoso, marcado pela condição ainda desconhecida de aposentado, vai tomando forma e relevância.

Zanelli, Silva e Soares (2010) ainda apontam que, possivelmente, a conjunção mais comum feita à aposentaria – velhice e morte – não se manifestam necessariamente em nosso nível consciente. Ao contrário, são crenças que se manifestam diversas vezes de maneira velada. Além disso, a família e a própria sociedade, em evidentes mecanismos de negação, são conservadoras de tabus em torno da velhice e da morte como se estas não fossem consequências de um processo natural (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Ressalta-se ainda que,

em uma cultura estruturada a partir do trabalho produtivo fora da unidade doméstica, a entrada e saída do mundo do trabalho determinam mudanças importantes no ciclo vital, contribuindo para estabelecer as grandes transições na biografia pessoal (REDONDO, 1992, apud DUARTE; MELO-SILVA, 2009, p. 1).

De acordo com Pazzim (2016), muitas vezes em eventos sociais as primeiras perguntas realizadas, após o nome, são “o que você faz?”, ou “onde você trabalha?”, assim como também é comum palestrantes dispensarem alguns minutos, no início de suas apresentações, para falarem de sua formação, cargo e experiência profissional. A mesma autora também relata uma ocorrência na qual, como quebra de paradigma, o palestrante se apresentou da seguinte maneira: “Sou Paulo, marido de Joana, pai de Mariana e Pedro, gosto de passear com minha família nos finais de semana e ir ao cinema”, e as pessoas ficaram surpresas, uma vez que esperavam o

modelo tradicional de salientar o currículo e experiências de trabalho. Esse tipo de situação demonstra como o trabalho influencia na identidade pessoal e profissional das pessoas. Dessa forma, através da aposentadoria, muitas pessoas acabam perdendo seu ponto de referência, uma vez que o indivíduo deixa de ser o trabalhador da empresa “X”. Conseqüentemente, é como se as organizações se tornassem um ponto de referência, prestígio e quase como um sobrenome para alguns sujeitos. Com a aposentadoria tem-se a questão: quem será ele? O que fica da pessoa além do trabalho? (PAZZIM 2016).

O “descarte da laranja”, ou o que ficou conhecido como um “papel sem papel” significa, para o descartado, a perda da posição, dos amigos, do núcleo de referência, a transformação dos valores das normas e das rotinas, e a submissão a condições que agridem a autoestima e a imagem de si mesmo. Em outras palavras, coloca-se em cheque a identidade pessoal e ocupacional do trabalhador (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010, p. 31)

Comparando com a fase da aposentadoria, Pazzim (2016) demonstra que é possível relacionar ao menos cinco características semelhantes entre a síndrome normal da adolescência e a fase da aposentaria, chamando inclusive este período como “síndrome normal da aposentadoria”. Para a autora, as principais transformações seriam:

- a) crise de identidade;
- b) relações sociais e grupais;
- c) busca pela espiritualidade;
- d) sexualidade alterada e
- e) reorganização do tempo.

Na crise de identidade ocorre algo parecido com a época da adolescência, na qual há confusão/conflito de papéis (nem criança nem adulto). Nesta fase da vida, em geral o adolescente justifica-se, em algumas situações, como criança (para não ajudar em atividades domésticas, por exemplo), enquanto em outras equipara-se a um adulto (como sair à noite). Na aposentadoria há necessidade de reestruturar a identidade, uma vez que por muito tempo ela esteve associada ao trabalho e papéis profissionais. Esse é o momento onde irá se deparar com novo “eu”.

Acerca do segundo aspecto mencionado, as relações sociais e grupais, os autores afirmam que estas apresentam, durante a adolescência, um formato bem

peculiar. Tais relações se dão através das identificações, atuações, transferência de aspectos familiares no grupo, dissociações, além da busca por sentimentos de segurança, aprovação e aceitação por parte dos demais integrantes do grupo. Durante a aposentaria pode acontecer algo parecido com as vivências adolescentes, embora o impacto nos relacionamentos interpessoais não se dê da mesma maneira. Em um primeiro momento, pode ocorrer uma redução dos relacionamentos habituais, como almoços com colegas e *happy hours* no final do dia, e, mesmo que se mantenham, para alguns pode ocorrer a sensação de que não é mais a mesma coisa. Surge assim um dilema: quem são meus amigos? E então o indivíduo partirá em busca de novos amigos ou, quem sabe, tentará resgatar antigas amizades.

Quanto à busca pela espiritualidade, pode-se afirmar que na síndrome normal da adolescência ocorrem as crises religiosas. Nelas, o adolescente ora se manifesta um “ateu intransigente”, ora um “místico fervoroso”, vivendo uma variedade de posicionamentos entre os extremos. Já na aposentadoria, o que acontece não é uma crise religiosa, mas sim uma busca pela espiritualidade.

Outro aspecto mencionado é a sexualidade alterada. Na adolescência ocorre o desenvolvimento da sexualidade. O idoso também vivencia mudanças no âmbito sexual, e a forma como a pessoa viveu o sexo ao longo da vida influenciará na forma de lidar com sua sexualidade na terceira idade. Alguns indivíduos irão querer continuar com sua sexualidade, enquanto outros talvez aproveitem este momento para “se aposentar da sexualidade”.

Por fim, no que tange à reorganização do tempo, o adolescente vive uma crise temporal, na qual algumas coisas são percebidas como urgentes (como comprar uma mala para viagem que será em dois meses) e outras sem tanta urgência (como estudar para uma prova de amanhã). Na aposentadoria, o tempo também começa a ser sentido de forma diferente, e será necessário aprender como lidar e reorganizar o novo tempo disponível. A expectativa de tempo livre pode ser inclusive angustiante para aqueles que detinham uma relação de realização e identificação com o trabalho.

Morin (2001) relata que durante um estudo sobre a importância do trabalho na vida das pessoas, quando realizada a pergunta “se você tivesse bastante dinheiro para viver o resto de sua vida confortavelmente sem trabalhar, o que você faria com relação ao seu trabalho?”, mais de 80% dos pesquisados responderam que

seguiriam trabalhando. Os principais motivos para continuarem trabalhando foram: para se relacionar com outras pessoas, para possuir o sentimento de vinculação, para ter algo que fazer, para evitar o tédio e também para ter um objetivo na vida.

A família também possui uma função muito importante no momento da aposentadoria, pois pode exercer um papel de agente facilitador e de suporte, mas também pode ser fator gerador de medos e conflitos.

A família talvez seja a rede de suporte mais importante na aposentadoria. (...) Um casamento infeliz ou mesmo uma dificuldade de relacionamento com os filhos pode resultar na falta do prazer em passar tanto tempo em casa. A aposentadoria nesse caso é sentida como um transtorno ou o fim de um refúgio. Aposentadoria representa um teste para o casamento e pode significar uma mudança de rotina para quem fica em casa. No que se refere ao homem que irá se aposentar e cuja esposa não trabalhe, vale lembrar que não é toda a mulher que quer seu marido em casa o tempo todo, principalmente, se ela não trabalha e já está acostumada a ficar só por um longo período. Algumas podem estar satisfeitas com a rotina de vida que não incluiu a companhia integral do marido (FRANÇA, 2002, p. 33).

É muito importante que a aposentadoria seja planejada de maneira adequada, pois caso isso não ocorra, diversos fatores de ordem biopsicossocial poderão afetar o indivíduo, tanto no período pré quanto no período pós-aposentadoria (PAZZIM, 2016). Alguns exemplos de consequências decorrentes dessa falta de planejamento, expostos por Pazzim (2016), são: sentimentos de ansiedade e angústia, sentimentos de solidão e de vazio existencial, depressão, estresse, abuso de medicações, separações conjugais, sedentarismo e obesidade, além de problemas financeiros.

Preparar os indivíduos para aposentadoria na verdade “pressupõe ensinar que as possibilidades de ação não se esgotam com o fim de uma carreira” (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010, p. 48). Isso vai ao encontro de outra da afirmação, de que “Preparar-se para a aposentadoria significa conhecer antecipadamente as circunstâncias concretas da nova situação e tomar consciência de como enfrentá-las” (FORTEZA, 1980, p. 111 *apud* DEBETIR, 1999, p. 21).

Para Pazzim *et al.* (2016), podemos entender os programas de preparação para aposentadoria como um conjunto de ações e atividades, organizadas antecipadamente, para pessoas em fase de pré-aposentadoria, com o objetivo de auxiliá-las no planejamento para o futuro. Ainda sugere-se que os Programas de Preparação para Aposentadoria (PPAs) desenvolvam um trabalho interdisciplinar

com profissionais de diversas áreas do conhecimento, tais como médicos, nutricionistas, psicólogos, etc.

A falta de reflexão sobre o momento de aposentar-se pode fazer com que os indivíduos desenvolvam rotinas que não favorecem a qualidade de vida nesse período. Por isso, a conscientização a respeito da importância da realização de reflexões e planejamento para a etapa de desvinculo com o trabalho formal vêm, aos poucos, crescendo, e, como resultado, temos o surgimento de novos estudos e pesquisas. Simultaneamente, também percebemos o crescimento de materiais voltados para as pessoas que estão passando por esse período, como livros e até mesmo filmes que abordam a temática da aposentadoria. Além disso, mais organizações estão começando a se engajar e oferecer, mesmo que em estágios iniciais, os PPAs. Entretanto, ainda é pequeno o número de empresas que oferecem PPAs aos seus trabalhadores.

Um dos aconselhamentos que os PPAs trazem para seus participantes é o de que a aposentadoria não seja encarada com a imagem que muitas pessoas possuem do aposentado, que fica em casa o dia inteiro assistindo televisão. Nesse momento, será necessário entender quais desejos, sonhos e atividades o pré-aposentado gostaria de incluir em seu projeto de vida, a fim de se manter vivo e atuante (PAZZIM et al., 2016).

3 PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTARIA DO TRE-RS

O local escolhido para realização do estudo de caso foi o Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul. O órgão foi escolhido em virtude de possuir um programa de preparação para aposentadoria consolidado. Além disso, desde o primeiro momento, o órgão se mostrou acessível e disposto a auxiliar no estudo.

Neste contexto, dentre as atividades desenvolvidas pelo Departamento de Recursos Humanos do TRE-RS, encontram-se as capacitações dos servidores. É nesse âmbito que se insere o Programa de Preparação para Aposentadoria – PPA.

3.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PROGRAMA

O TRE-RS acredita que aposentar-se de modo saudável ou não está relacionado a uma série de atitudes tomadas durante toda a vida profissional, e não apenas na hora de encerrá-la.

Deste modo, o TRE-RS oferece um roteiro de ações orientadas para a implementação do Programa de Preparação para Aposentadoria (chamado de “2º Turno”), alinhando-se em direção à uma iniciativa duradoura o suficiente para beneficiar gerações sucessivas de servidores do TRE-RS.

3.2 PRINCIPAIS OBJETIVOS

Dentre os objetivos principais do Programa de Preparação para Aposentadoria do TRE-RS, destacam-se:

- a) facilitar o planejamento para a aposentadoria dos servidores do TRE-RS, oferecendo-lhes o intercâmbio de informações, possibilitando a reflexão e a ampliação da percepção de futuro, bem como estimulando a responsabilidade individual e coletiva dos pré-aposentados neste processo;

- b) criar um espaço para o servidor refletir sobre a oportunidade de construção de novos papéis no âmbito pessoal e social;
- c) agregar aos diferentes segmentos de servidores o tema da aposentadoria, incentivando sua discussão integrada a outros grupos de trabalho do TRE-RS; e
- d) oportunizar o encontro intergeracional entre os servidores do TRE-RS, estimulando a integração dos servidores de todos os setores do Tribunal nas atividades propostas pelo Programa.

3.3 PÚBLICO-ALVO

O PPA é voltado a todos os servidores do TRE-RS e, em especial, àqueles com a possibilidade de aposentadoria nos próximos cinco anos, bem como àqueles que, já aposentados, tenham interesse em participar das atividades programadas.

3.4 ESTRUTURA

O PPA do TRE-RS é composto por diferentes atividades como palestras, workshops/oficinas e atividades vivenciais voltadas à troca de experiências entre os servidores participantes.

3.5 TEMAS

No PPA do TRE-RS são abordados temas diversos relacionados à aposentadoria, como, por exemplo, planejamento orçamentário, legislação referente à aposentadoria, qualidade de vida e saúde, atividades que podem ser exercidas nesse momento da vida, empreendedorismo, etc.

3.6 HISTÓRICO DE AÇÕES JÁ DESENVOLVIDAS

Em 29 de outubro de 2008, foi realizado o primeiro encontro com os servidores com possibilidade de aposentadoria nos próximos cinco anos. Em 7 de novembro de 2008, ocorreu o lançamento oficial do Programa na IV Semana do Servidor, por ocasião da palestra “Os médicos mudaram?” com o Dr. José Camargo. Em dezembro do mesmo ano, duas outras atividades marcaram o desenvolvimento do Programa: a escolha de seu nome, “2º Turno”, pelo grupo de integrantes do primeiro encontro; e, no Encontro de Avaliação das Eleições 2008, em Caxias do Sul, foi distribuído aos servidores participantes o *folder* de divulgação do Programa.

No ano de 2009, novas ações foram realizadas: em 22 de maio, foi promovido *talk show* com a participação da escritora Martha Medeiros e da jornalista Tânia Carvalho, quando foram discutidos temas que envolvem a maturidade. No dia 21 de julho, o TRE-RS, por meio da Comissão do 2º Turno, foi convidado a fazer parte da pauta do *Programa Falando*, da Jornalista Tânia Carvalho da TVCOM. Nesta oportunidade, integrantes da Comissão e uma participante do Programa foram entrevistados, divulgando a iniciativa e relatando seus objetivos.

Mediante pesquisa de levantamento de interesses junto ao grupo de participantes, em 20 de agosto, foi promovida a atividade “É hora de se aposentar?” coordenada pela Seção de Aposentadorias e Pensões-SGP/COTEC. Neste encontro, foram tratados os aspectos jurídicos e administrativos da aposentadoria, com destaque para as principais alterações legais desde 1998, bem como questões relativas ao cálculo dos proventos. Nesta atividade, os participantes escolheram a identidade visual do programa.

Finalizando as atividades do ano de 2009, em 26 de outubro, em conjunto com o Programa de Acompanhamento da Saúde do Servidor, foi promovida a palestra “Por que fazemos a vida ser mais difícil?”, com o psiquiatra Nélio Tombini e a psicóloga Christiane Ganzo de Castro. Neste evento, foram abordadas questões relativas ao estresse no trabalho e nas relações humanas, visando propagar conceitos de qualidade de vida no ambiente profissional.

No ano de 2010, em parceria com o Programa de Desenvolvimento Humano, foi promovida a palestra: “A vida que vale a pena ser vivida”, com o professor Clóvis de Barros Filho. Com a afirmação/indagação: “De tudo o que a humanidade pode conhecer, o único saber realmente que importa aos homens é viver bem. Mas no que consiste a vida feliz?”, o objetivo deste evento foi oferecer aos servidores que se encontram em período próximo à aposentadoria, na condição de integrantes do Programa 2º Turno, uma reflexão sobre a qualidade de vida no trabalho, em especial, após o afastamento das atividades profissionais.

Por ocasião da Semana do Servidor, em outubro de 2011, foi oferecida aos integrantes do Grupo 2º Turno a palestra “O servidor público e os sentidos do trabalho” com o psicólogo e professor Iuri Novaes Luna. Em espectro amplo, a palestra tratou do grande desafio para Administração Pública: obter melhora quantitativa e qualitativa no serviço prestado e na consecução da missão estabelecida, a partir da conscientização dos servidores em relação a aspectos pessoais e comportamentais no ambiente de trabalho. Na dimensão daqueles que se encontram próximos à aposentadoria, foram tratados aspectos relativos ao ciclo evolutivo que se encerra com o afastamento da atividade laboral.

Em 2012, nos dias 16, 18, 20 e 23 de julho, dando continuidade às atividades do 2º Turno, foi promovido o “Programa do Adulto Maduro para pré e aposentados: comece novamente, mas diferente”. A atividade foi conduzida pela psicóloga e psicogerontóloga, Helena Balbinotti, em quatro etapas com duração de duas horas diárias. Nessas oficinas, foram tratados temas recorrentes às mudanças vivenciadas neste período transicional, e que mobilizam sentimentos e necessidades conscientes e inconscientes, que resultam em desdobramentos pessoais e familiares.

Em parceria com a Secretaria de Gestão de Pessoas, o 2º Turno participou da Semana do Servidor 2012, promovendo a atividade “Sessão Pipoca”, qual foi projetado a película “O Exótico Hotel Marigold”. O filme trata da jornada de sete personagens que, por diferentes motivos, encontram um lugar em comum para descobrir novas experiências e perspectivas de vida. Após a exibição do filme, houve um debate com a psicóloga Helena Balbinotti.

Já em 2013, ocorreu a reedição do Programa do Adulto Maduro para Pré e Aposentados, desta vez em dois grupos: “comece novamente, mas diferente” - segunda etapa, dando continuidade às reflexões levantadas no ano anterior; e “sempre é tempo de recomeçar”, composto de integrantes que aderiram ao

programa em 2013. No decorrer do ano, o 2º Turno participou ativamente de eventos organizados: oficina de tricô, “Jantar em Homenagem aos Aposentados”, em setembro e exposição de artesanato na “Semana do Servidor”.

Em 2014, foi realizada uma pesquisa de levantamento do perfil e das expectativas dos participantes do PPA, a fim de adequar o Programa às ideias e concepções dos servidores que integram o público-alvo do 2º Turno. Foi criada uma identidade visual para o “Encontro Anual em Homenagem aos Aposentados: ReencontRE-RS – Eu faço parte desta história”. Nesse ano ainda, foi organizada uma palestra sobre Ações Sociais na Semana do Servidor.

Em 3 de julho de 2015, foi realizado o evento “Conversando sobre Aposentadoria”, no qual a jornalista Tânia Carvalho dialogou com servidoras aposentadas. Elas compartilharam histórias e experiências sobre este momento, auxiliando os servidores que se encontram na preparação para aposentadoria. Também em 2015, o público alvo do 2º Turno (servidores que estão há cinco anos da aposentadoria) foi convidado a participar de programa conduzido por uma empresa de psicologia. Por fim, foi realizado o ReencontRE-RS, jantar em homenagem aos 12 aposentados, na Semana do Servidor.

Em 2016, por se tratar de ano eleitoral, não foi realizado Programa de Preparação, apenas o jantar ReencontRE-RS, para homenagear os servidores aposentados no ano.

Em 2017, foi oferecido um Programa de Preparação para Aposentadoria com os seguintes módulos: Psicologia e Aposentadoria, Escrita Criativa de Memórias, Saúde e Qualidade de Vida, Carreira e Sonhos em Movimento, Planejamento Financeiro Pessoal. Durante a Semana do Servidor 2017, também foi realizado no ReencontRE-RS um jantar em homenagem aos servidores aposentados até a data do evento e, para encerrar o PPA 2017, foram convidados servidores inativos para compartilhar suas vivências na Feira de Experiências.

Em 2018, foram promovidas duas palestras com os temas: Sustentabilidade Financeira na Aposentadoria, Migração Funpresp-Jud (regime de previdência), além de um encontro de dois dias, conduzido pela equipe da Psicologia do TRE-RS, no qual foram abordados os tópicos: “Aposentadoria como crise ou liberdade?”, “Avaliação de comportamentos de planejamento para a aposentadoria”, “Avaliação de recursos pessoais, afetivo-sociais e comunitários”, “Planejando a aposentadoria”, e “Pensando a aposentadoria em grupo”.

4 METODOLOGIA

Tendo em vista os aspectos levantados, o estudo qualitativo teve o objetivo de investigar qual o significado do trabalho e da aposentadoria, quais os receios e expectativas dos pré-aposentados, bem como entender se na concepção deles a participação em um PPA contribuiu de alguma forma em sua preparação. Optou-se por utilizar a entrevista semiestruturada para a coleta de dados.

4.1 PARTICIPANTES

O público-alvo das entrevistas foram servidores do TRE-RS no período de pré-aposentadoria participantes do PPA desse órgão. Nesse sentido, considerou-se como em fase de pré-aposentadoria os servidores que em até cinco anos atingirão as condições para se aposentar, de acordo com a legislação vigente.

Participaram voluntariamente do estudo doze servidores do TRE-RS (sete residentes em Porto Alegre e cinco residentes em outros municípios do Rio Grande do Sul), com faixa etária entre 50 e 65 anos. Do total de entrevistados, oito pertencem ao sexo feminino e quatro ao sexo masculino e com relação ao nível de escolaridade dos cargos, oito ocupam cargos de nível superior e quatro ocupam cargos de nível médio.

Também participaram membros da equipe de psicólogos do TRE-RS, auxiliando em questões como autorização para realização da pesquisa, espaço para divulgação e convite dos servidores, auxílio na logística para as entrevistas realizadas em Porto Alegre, fornecimento de informações sobre o PPA TRE-RS, entre outras.

4.2 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Em um primeiro momento, realizou-se contato com a equipe de psicólogos do TRE-RS com o objetivo de expor o estudo e verificar a possibilidade de realizá-lo nesse órgão. Após concedida a autorização, a equipe de psicólogos disponibilizou espaço em um dos encontros presenciais realizados pelo programa para divulgação e recrutamento dos servidores participantes do PPA.

Nesse primeiro convite, justificou-se a relevância das entrevistas para a construção do estudo e, ao final do evento, os servidores interessados em participar preencheram uma lista com seus contatos. Em seguida, foi realizado contato individual com os voluntários através de e-mail, para agendamento das entrevistas e confirmações de participação. Quatorzes, do total de 21 servidores convidados, aceitaram prontamente participar, entretanto, em virtude do período de realização das entrevistas ter ocorrido próximo às eleições, alguns servidores não conseguiram participar. Dessa maneira, foram realizadas, no total, 12 entrevistas.

As entrevistas com os servidores de Porto Alegre foram realizadas em salas no próprio TRE-RS, e as entrevistas com servidores lotados fora do município foram realizadas através de contato telefônico ou *Skype*.

Realizou-se uma entrevista semiestruturada com cada servidor e os contatos da pesquisadora ficaram à disposição caso os servidores desejassem relatar mais pontos ou esclarecer dúvidas. As entrevistas foram gravadas e transcritas para melhor análise e comparação dos dados. Foi assegurado o sigilo em relação à identificação dos participantes. As informações mais relevantes foram agrupadas em seis blocos a fim de facilitar a análise.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para a análise dos resultados obtidos, utilizou-se a metodologia de análise de conteúdo proposta por Minayo (2002), uma vez que essa demonstrou-se mais adequada para os dados qualitativos nesse estudo de caso. Minayo (*ibid.*) descreve três fases como possibilidade para a análise de conteúdo: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

O trecho de Puglisi e Franco, descrito abaixo, vem ao encontro do exposto por Minayo, reforçando a importância da exploração e interpretação dos resultados:

Quanto ao conteúdo de uma comunicação, a fala humana é tão rica que permite infinitas extrapolações e valiosas interpretações. (...) Os resultados da análise de conteúdo devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos e capturáveis no âmbito das comunicações emitidas (PUGLISI; FRANCO, 2005, p. 23).

Ainda para Puglisi e Franco (2005), podemos dizer que, para o efetivo “caminhar” no processo de análise, a contextualização deve ser considerada como um dos principais requisitos, e, mesmo, “o pano de fundo” no sentido de garantir a importância dos resultados a serem divulgados e socializados.

Dessa maneira, a análise dos resultados presente nesse estudo foi construída através da leitura repetitiva e exaustiva dos relatos realizados nas entrevistas.

Os desfechos desta análise foram apresentados em seis grupos:

- a) significado atribuído ao trabalho;
- b) significado atribuído à aposentadoria;
- c) medos e receios com relação à aposentadoria;
- d) principais expectativas com relação à aposentadoria;
- e) círculos de relacionamentos/convivência fora expediente de trabalho; e
- f) percepções sobre a relevância da participação no programa de preparação para aposentadoria do TRE-RS.

5.1 SIGNIFICADO ATRIBUÍDO AO TRABALHO

Conforme Kubo e Gouvêa (2012), a relevância do trabalho pode ser averiguada através da constatação da quantidade de horas que as pessoas permanecem nessa atividade por dia. Também são consideráveis os dias, os meses e os anos gastos no preparo para essa atividade, seja na formação escolar, que fornece a capacitação básica para exercer as atividades na profissão escolhida, seja no treinamento específico, para adquirir os conhecimentos necessários para um bom desempenho na função exercida dentro da organização.

Segundo pesquisa feita pelo grupo *Meaning of Work* (MOW, 1987, *apud* KUBO; GOUVÊA, 2012), dentre os diversos aspectos reconhecidos do trabalho destacam-se: função de fonte de renda, normalmente considerado como o mais importante; função intrínseca, quando é interessante e satisfatório para as pessoas; função interpessoal, como meio para contatos com outros indivíduos; função de prestar à sociedade; função de ocupação do tempo; função de fornecer status e prestígio. Durante as entrevistas, praticamente todos servidores iniciaram suas respostas mencionando o trabalho como parte/fator muito importante ao longo de suas vidas.

No decorrer das respostas relacionadas ao significado do trabalho, notamos que houve uma espécie de divisão. Alguns entrevistados conferiram ao trabalho um significado mais profundo e relacionado com aspectos psicossociais e identitários, como podemos verificar nos relatos abaixo:

O trabalho é na realidade uma coisa importante, ele tem várias conotações além da básica que é da sustentação, ele tem outros vieses que é, por exemplo, interação, também tu poder realizar coisas, organizar coisas, voltando na interação com outras pessoas auxilia muitas vezes a sair de casa, não ficar tanto tempo... (Servidor 10).

... quem é da minha época, com mais idade, a gente foi criado muito pro trabalho. Eu particularmente, acho que eu sou muito focado no trabalho. (...) já sou aposentado (...) aí nesse tempo eu fiquei parado, um ano e pouco, no começo foi muito bom, mas depois, de repente, eu comecei a sentir esse vazio. (...) o trabalho é muito importante e eu tenho muita dificuldade de parar em função disso (Servidor 07).

Eu já pensei muito sobre isso, eu não sei como eu seria sem trabalho, eu fiquei um tempo (...) sem trabalhar (...), o que foi um período bem difícil, tive que repensar os meus conceitos. Então trabalho para mim não é castigo, não é problema, não anseio pela sexta feira, é uma parte da minha vida (Servidor 05).

(...) eu não consigo ver a minha vida sem trabalho (...) neste momento é um pouco difícil de desassociar a vida do trabalho. Então, na verdade é um componente que faz parte da minha natureza (...) (Servidor 11).

Entretanto, outra parte dos entrevistados, ao longo das respostas, trouxeram a questão da sobrecarga de trabalho, das exigências e cobranças muito altas bem como demonstraram certo “incômodo” com o compromisso diário da carga horária e a falta de tempo, concluindo que nesse momento de suas vidas, o significado do trabalho estaria mais atrelado à questões financeiras e necessidade, como é possível verificar nestas palavras “Fui trabalhar no Tribunal pelo dinheiro, como estou até hoje lá, pelo dinheiro” (Servidor 08). Analogamente, nos relatos abaixo:

O trabalho é mais ou menos como a questão do estudo, tem que passar, não é tudo na tua vida. Eu vejo de uma maneira bem tranquila, é uma forma importante de alcançar objetivos, não é a única coisa que eu faço na vida, eu acho que é uma parcela, e essa parcela nos traz, como tudo na vida, estornos, alguns benefícios, então assim, não vejo com muita dificuldade essa questão do trabalho, considero como uma etapa cumprida, uma coisa que a gente tem que passar (Servidor 04).

Na minha identidade não, eu gosto do que eu faço, mas no momento que eu não trabalhar lá, não vai mudar nada minha vida substancialmente, porque é só aquilo entendeu. Porque eu sei que tem alguns lugares que o chefe não pode deixar de ser chefe, se não imagina, “Ó que horror!” (risos), para mim não, é trabalho (Servidor 02).

5.2 SIGNIFICADO ATRIBUÍDO À APOSENTADORIA

Quando questionados sobre o significado da aposentadoria, inicialmente foi possível retomar, na maioria dos relatos o que Romanini (2005) propôs ao afirmar que muitas pessoas não pensam no tema aposentadoria, e, quando fazem, vivenciam momentos de inquietações e crises.

No primeiro momento eu não pensava em aposentadoria, era algo que tava fora do meu vocabulário, eu não sabia, não existia essa hipótese (...). Aí a colega calculou para mim e viu que faltavam poucos anos e eu levei um susto porque não estava preparada, nunca tinha pensado nisso, então aquele foi um momento que eu me dei conta que o tempo tava passando. Até então eu não tinha me dado conta (Servidor 05).

Antes eu não pensava muito, entendeu, eu comecei a pensar de pouco tempo para cá, uns três anos para cá que me deu estalo. No início, aposentadoria era uma coisa muito longínqua, até quando eu entrei nos cinco anos, era uma coisa assim muito longe, era uma nebulosa (Servidor 08).

De acordo com Shibata (2006, p. 25), “uma metáfora que habita o imaginário da maioria das pessoas é a aposentadoria como ideia ligada a ficar à toa, à velhice e à morte”. De fato, para o servidor 03, “aposentadoria e velhice são coisas que andam juntas”, e, para seus colegas, assim como para muitos entrevistados, a relação da aposentadoria com o avanço da idade e possíveis consequências advindas dessa fase é um ponto sensível.

(...) eu pinto, eu bordo, sabe, eu adoro ler livros e tem uma coisa que me preocupa que é limitação, eu já não enxergo mais direito, ficar usando óculos é um horror para quem faz isso, eu dou umas tremidas que eu também não tremia antes, mas é coisa da idade, certamente vai ficar pior (Servidor 08).

Temos que saber que existem variáveis que independem da gente, a saúde, por exemplo, é uma delas. (...) Se você não tem maiores dificuldades de saúde, você encara uma aposentadoria com mais tranquilidade porque aposentadoria é sinônimo também de velhice (Servidor 06).

Murta, Leandro-França e Seidl (2014) apontam que a transição para aposentadoria é vivida de maneira diferente entre os trabalhadores. Enquanto alguns sofrem com as mudanças de rotina, perda de contato com os colegas de trabalho, impossibilidade de seguir realizando as atividades as quais estavam acostumados e vivenciam um processo de crise de identidade; outros se sentem mais livres, começam novas atividades baseados em seus valores e interesses, fortalecem vínculos e realizam projetos que estavam guardados.

Nesse aspecto, a maioria dos entrevistados demonstrou um sentimento positivo com relação à aposentadoria, relatada como um período com mais tempo disponível para si, para realização de projetos, uma fase de libertação de obrigações como, por exemplo, a de cumprir carga horária, comparecer todos os dias ao local de trabalho entre outras, conforme exposto pelo servidor 10:

(...) então, ao menos eu sinto assim que é um pouco de uma libertação de uma carga obrigatória diária, e ao mesmo tempo, assim, eu vejo possibilidades futuras, vejo que se abre um outro campo, né, para eu fazer coisas que eu sempre gostei e nunca tive tempo (Servidor 10).

Zanelli e Silva (1996 *apud* FÔLHA; NOVO, 2011) discorrem sobre a aposentadoria também ser vista como um prêmio ou como uma recompensa pelos

esforços dedicados ao longo de uma trajetória de trabalho, permitindo assim que o indivíduo realize planos ou sonhos que foram adiados por muito tempo.

O servidor 08 relata: “Para mim, aposentadoria é igual liberdade, sabe, vou ser dona da minha vida, poder fazer o que eu quiser”. De modo análogo, o relato abaixo, resume o exposto por muitos servidores quando questionados sobre o significado da aposentadoria:

Vejo mais assim, como um prêmio de disponibilização de tempo que eu vou ter. Sem compromisso formal, sem uma obrigação específica de horário de compromissos fixos que tu não consegue administrar (Servidor 04).

5.3 MEDOS E RECEIOS COM RELAÇÃO À APOSENTADORIA

Com relação aos receios, vários servidores se mostraram apreensivos com as consequências e alterações que a aprovação da reforma na legislação previdenciária atual pode acarretar, fazendo com que alguns precisem trabalhar por mais tempo, ou, ainda, possíveis perdas com relação às contribuições já realizadas e redução na pensão a ser recebida. As falas a seguir exemplificam esse receio: “Primeiro é que ela não saia, segundo, [que] resolvam parcelar o nosso salário, como Sartori está fazendo” (Servidor 02).

Meu principal [medo] é ela demorar a chegar. Hoje eu não tenho receio com relação ao que farei, com o meu tempo, isso eu já sei, já está definido. Na verdade, meu maior receio é da instabilidade do país com as regras atuais (Servidor 05).

Eu estou ainda naquela expectativa de aposentadoria de reforma ou não reforma, porque enfim minha situação é complicada, porque na verdade, o que me falta é aquilo que querem mudar na legislação que é a idade. Pois eu já não tenho a idade hoje, porque o tempo eu tenho, então estou preocupada se vai mudar a lei ou não (Servidor 11).

A questão financeira, apesar de mencionada por praticamente todos os entrevistados, não foi enfatizada como o principal receio. Ao contrário, como retratado na fala dos servidores abaixo, a maioria se mostrou consciente das perdas remuneratórias advindas da aposentadoria, bem como demonstraram possuir algum tipo de preparação para isso: “Basicamente essa questão financeira, na verdade, eu já tenho um bom planejamento” (Servidor 04).

(...) essa questão da grana, por exemplo, é uma questão que, como eu me resolvi muito cedo, e nem sei como, assim, lá em casa sempre foi tudo organizadinho então eu sempre juntei dinheiro né, então não precisei disso. Mas tu chegar no fim e não poder sair por causa de grana entendeu, eu acho que não tem explicação sabe (..) (Servidor 08).

Para a maioria dos entrevistados, os medos e receios mais intensos estão relacionados aos fatores psicossociais tais como a falta de interação, advinda da quebra das relações com trabalho, não saber o como administrar o tempo livre e até mesmo possíveis questões envolvendo o aumento de tempo em convívio com a família, como na seguinte fala: “O meu receio é de ficar ociosa entendeu, de me perder e entrar em pânico, e pensar “meu Deus do céu e agora!” (Servidor 08).

Eu não tenho medo de sentir saudade do trabalho ou de me sentir inútil, meu medo é de não conseguir administrar meu tempo e me sentir desperdiçando o tempo que já está mais curto. Tenho medo de ficar um pouco perdida (Servidor 03).

Outros participantes também expõem:

Outra preocupação é ocupacional mesmo sabe, porque na medida que eu não tenho né grupos formados, eu vou ter que me esforçar para criar esses grupos, porque a tendência muitas vezes é tu ficar, como eu vou te dizer, tu vai rir, mas é ficar de pijama o dia todo dentro de casa né, coisa que eu não gostaria de fazer, é claro que um dia ou outro sei lá, tu não tá afim e fica em casa, tu não vai fazer nada, mas isso é ruim porque aí tu cria o teu circuito, de repente acordar ir no computador olhar não sei o que, ler o jornal, ler um livro e pronto, parou por ai né (...). Eu não tenho medo assim, eu não sinto muito medo da solidão porque eu já passei períodos sozinho, então isso não é uma coisa que me apavora, eu consigo lidar com isso bem; o que eu acho que falta pras pessoas e que é necessário é a interação, e isso sim isso talvez eu tenho um pouquinho de receio (Servidor 10).

Mas a questão do tempo, depois, porque são muitas horas para tu preencher e que durante a maior parte da minha vida eu preenchi com trabalho esse tempo (...) é uma coisa mais, digamos assim, endógena e fica mais complicado realmente (Servidor 11).

Shibata (2006) contribui com a visão de que ao mesmo tempo em que é aguardada como fase de descanso, a aposentadoria também tem uma conotação de desvalorização pessoal e inutilidade, um atestado de envelhecimento, reforçada pelos ditos populares, como “vestir pijama”. Tal situação pode ser verificada no relato do servidor abaixo:

Outra preocupação é ocupacional mesmo (...) a tendência muitas vezes é tu ficar, como eu vou te dizer, tu vai rir, mas é ficar de pijama o dia todo dentro de casa né, coisa que eu não gostaria de fazer, é claro que um dia que outro sei lá, tu não ta afim e fica em casa, tu não vai fazer nada, mas isso é ruim porque ai tu cria o teu circuito, de repente acordar ir no computador olhar não sei o que, ler o jornal, ler um livro e pronto, parou por ai né (...). Eu não tenho medo, assim, eu não sinto muito medo da solidão porque eu já passei períodos sozinho então isso não é uma coisa que me apavora, eu consigo lidar com isso bem. O que eu acho, que o que falta pras pessoas e que é necessário, é a interação. E isso sim, isso talvez eu tenho um pouquinho de receio (Servidor 10).

Para Deps (1994), na aposentadoria ocorre uma suspensão das atividades profissionais desempenhadas, e isso leva ao afastamento e redimensionamento da natureza interpessoal, bem como novas formas de ocupação do tempo, e, conseqüentemente, novos comportamentos e novas autopercepções. No relato abaixo, é possível identificar essa preocupação relacionada à ruptura com o trabalho.

A primeira coisa que causa medo é que não adianta, você vai sair de toda a sua rotina, de um Hall Social, pessoas que você está acostumado a ver, uma segunda família que você vê todos os dias e que quase todos os dias você tem aquela rotina (...). Então tudo isso realmente vai deixar de existir. (...) E como vai ser as suas relações né, a partir da aposentadoria porque há uma ruptura com esse cordão umbilical desse meio social que é o trabalho, embora você continue conversando com colegas e participando de algumas coisas, e tem a família. A questão da família também porque vai ser um viés que você tem que se dedicar mais assim, você vai ter mais tempo para vivenciar a família e ao mesmo tempo a família também tem que vivenciar com você (...) (Servidor 06).

5.4 PRINCIPAIS EXPECTATIVAS COM RELAÇÃO À APOSENTADORIA

A disponibilidade de mais tempo foi, com certeza, a principal expectativa, relatada de forma unânime entre os entrevistados: “Mas é isso quero, ter um tempo bem organizado para curtir as coisas que eu gosto (Servidor 03)”.

Eu espero ter mais tempo para mim, chegar no meio da minha horta, das minhas plantas, ter mais tempo para fazer as minhas decorações de jardim, que eu adoro, espero ter mais tempo para o voluntariado (...). Expectativa de não fazer nada, porque se eu quiser dormir eu vou dormir, se eu não quiser fazer coisa nenhuma eu não vou fazer coisa nenhuma, isso assim de início porque depois tu vai organizando (...) assim tava falando lá em casa o dia que sair no Diário Oficial a minha aposentadoria, naquele dia de noite eu vou tomar um espumante inteiro, mas eu vou ficar bêbada! E no outro dia vou dormir até a hora que eu quiser (risos)” (Servidor 09).

A fala da servidora acima ressalta não somente suas expectativas de tempo, mas também demonstra o olhar positivo dessa em relação à nova etapa que se iniciará.

O desejo de poder realizar mais viagens foi salientado por muitos participantes. O relato abaixo demonstra esse desejo em um dos participantes:

Eu costumo dizer que uma das coisas que eu tenho mais vontade e que ainda não consegui fazer é entrar no carro para viajar e ver uma estradinha, no meio da estrada e pensar: para onde será que vai? E poder entrar nela, porque hoje temos um prazo limitado de férias então tem que ser tudo programado (...); minha maior expectativa que eu tenho é essa liberdade de tempo (Servidor 04).

Outro aspecto presente em mais de uma fala foi o reconhecimento e a expectativa da necessidade de cuidados com a saúde.

(...) aí depois eu vou para academia de tarde, pegar aqueles horários bons na academia, não gosto de multidão, por exemplo, então vou ter tempo para mim (Servidor 01).

A outra questão, o que eu vejo é muito a questão da saúde né, que normalmente a pessoa se aposenta e meio que para e relaxa, e a questão, né, da saúde se complica, né, por isso eu venho me preparando, venho fazendo exercícios, venho tomando vitaminas que, claro que com indicação médica, pra melhorar (Servidor 10).

Constatou-se na pesquisa que alguns entrevistados desejam retornar aos estudos em diferentes áreas, assim como investir na possibilidade de continuar trabalhando com algo que lhes proporcione prazer e sem o compromisso de remuneração ou uma carga horária tão pesada como a que possuem atualmente. A fala dos participantes abaixo reflete essa vontade:

...eu gosto mesmo de trabalhar, mas eu sempre quis estudar arte (...) Esse é meu projeto, estudar arte, porque não vou ter mais preocupação financeira, teoricamente, então quero pensar nessa nova carreira... (Servidor 05)

Eu vou ficar fazendo cursos entendeu, até para ter grupos de pessoas para eu conviver e tudo, nessa área de arte, né, pintura, que eu gosto muito de pintura. Eu sempre gostei muito de moda, eu gostaria de ter feito e talvez eu faça alguma coisa assim, né (Servidor 08).

5.5 CÍRCULOS DE RELACIONAMENTO / CONVIVÊNCIA FORA DO EXPEDIENTE DE TRABALHO

Conforme já exposto, pensar e planejar aposentadoria engloba aspectos que vão muito além de organizar as questões financeiras. Um aspecto que não pode ser ignorado na fase de pré-aposentadoria é a questão dos círculos de convivência dos indivíduos, pois o desvínculo da atividade laboral pode acarretar um afastamento dos contatos de trabalho, e possuir grupos externos às organizações pode auxiliar os indivíduos a se sentirem mais preparados para a fase que se aproxima.

Pazzim (2016) reforça essa ideia ao trazer que em um primeiro momento, a aposentadoria pode provocar uma redução dos relacionamentos habituais como almoços com colegas e *happy hours* no final do dia, e mesmo que se mantenham, para alguns pode ocorrer a sensação de que não é mais a mesma coisa. Surge então um dilema: quem são meus amigos? E, dessa maneira, o sujeito partirá em busca de novas ou, quem sabe, resgate de antigas amizades.

Ao discorrerem sobre a questão dos círculos de convivência, a maioria dos entrevistados expôs que, fora do expediente de trabalho, não possuem muitos grupos, que sua convivência se resume ao núcleo familiar. Ao mesmo tempo, os próprios servidores demonstravam já ter percebido que nesse momento, pertencer a diferentes grupos auxiliaria no processo de desvínculo com o trabalho.

O relato abaixo identifica a preocupação do servidor ao refletir sobre o papel das redes de relacionamento para garantia da manutenção das interações interpessoais.

a minha vida é muito centrada na minha relação com a minha esposa né, a gente tem um grupo de amigos né, que a gente tá sempre saindo junto, indo para shows viajando junto ou se encontrando né, (...) não tenho grupos de caminhada, não tenho grupos de bicicleta, não tem o grupo de teatro, né, isso por uma séria falta de tempo (...). Nesse tempo todo então eu sinto assim que também isso tem que ter um cuidado, porque tu acaba te fechando em ti mesmo, acaba não te pondo pra fora, não saindo pros grupos, e isso acho que é ruim, então é uma das coisas que eu também tenho um pouco de medo, de, não é tanto da solidão de ficar sozinho, mas de interação" (Servidor 10).

Outro participante reconhece o importante papel dos grupos externos ao trabalho na facilitação do processo de desvínculo com o meio laboral:

Eu, particularmente, não tenho grupo fora, meu grupo é trabalho e família e sei que é um problema sério. São coisas que a gente não constrói de uma

hora para outra, então, para mim, particularmente é mais uma razão, tipo que como que eu vou administrar isso aí, porque quando tem um grupo formado tu já sai e já existe uma estrutura. Acho que tudo ajuda nesse momento (...). Esse é o lado que eu tenho consciência que é uma coisa que talvez tivesse que ter feito na vida de outra forma. Mas é uma questão que cada um tem um jeito, minha esposa já é diferente nesse aspecto, ela já consegue ter os grupos que ela participa, se encontram, então vou ter que buscar, de alguma forma (...) (Servidor 07).

No fragmento abaixo, a servidora expõe ações que vem praticando para se reconectar com amizades antigas:

Então, meu núcleo de amizades, assim, estou tentando me aproximar de pessoas que eu não via há um tempo, amigas de colégio. Eu tenho um grupo das gurias [com] que[m] eu fiz segundo grau, somos umas 15; tem outro grupo das gurias que eu fiz também, fiquei com grupo da PUC, então assim, ó, tenho vários grupos diferentes de amigas, estou me esforçando para me dedicar um pouco mais às minhas amigas, porque eu sei que eu vou precisar, sabe, que, com o tempo, filhos, marido e trabalho, eu deixei meio de lado, mas o meu grupo é fora, com certeza (Servidor 08).

5.6 PERCEPÇÕES SOBRE A RELEVÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA DO TRE-RS

No que se refere à contribuição do PPA para o início de um novo momento na vida do indivíduo, a aposentadoria, uma participante relatou:

Eu acho que é muito positivo. Geralmente a gente não pega tempo para parar e pensar nas coisas e aquele momento que estamos lá, a gente para e pensa, e tu ouve as pessoas, as expectativas, os medos e tu começa a te colocar dentro dessa coisa de analisar eu em relação aos outros e começa a te posicionar a pensar mais na coisa (Servidor 07).

A fala dos servidores abaixo refere-se a uma das atividades vivenciadas no PPA que, de forma resumida, consistiu em um encontro de dois dias, conduzido pela equipe de psicologia do TRE-RS, com um enfoque maior na troca de experiências entre os participantes. Essa atividade vai ao encontro de Zanelli, Silva e Soares (2010), quando afirmam que, através da construção de espaços vivenciais, constituem-se as condições necessárias para a produção do diálogo reflexivo.

Os relatos ainda compararam a atividade a uma espécie de terapia em grupo, e apontam que essas vivências trazem um acolhimento que auxilia no controle dos anseios e medos:

Mais importante [é] você conviver com outros colegas que vão se aposentar, ouvi-los e trocar essas, digamos assim, essas, é, como se fosse uma terapia em grupo, tanto que pessoas choraram, outras ficaram realizadas com o encontro. Eu notei que tirou um peso, diminuiu o peso de muita gente, pois as pessoas estão no mesmo barco que eu, com os mesmos anseios, tem os mesmos sonhos, né, aquelas coisas, tem os pontos positivos e negativos e que em qualquer grupo você vê que uns estão mais com viés positivo e outros assim com viés mais de intimidação, até pela personalidade de cada um. Mas eu acho assim extremamente positivo, acho que quanto mais você juntar pessoas que estão próximas de se aposentar, só em você juntar essas pessoas e [dizer] “olha vocês tem um espaço aí que é de vocês, conversem o que quiserem”, já é um ganho muito grande, a troca de experiência... (Servidor 06)

Zanelli, Silva e Soares (*ibid.*) ainda afirmam que as estratégias de compartilhamento, quando inseridas na condução de grupos, apresentam contribuição inegável para o crescimento de cada participante. Além disso, também estimulam a união para superar problemas e reduz inseguranças e ansiedades. Nas exposições abaixo, é possível identificar o quanto essas discussões, quando bem conduzidas, realmente auxiliam os indivíduos.

Achei muito interessante, pela forma que a gente passou lá dois dias. Claro, uma coisa direcionada, nós conversamos e nessa hora, com essa troca de ideias, a gente acaba expondo acho que medos e anseios e aquilo na hora te faz pensar e ver em que situação tu está em relação ao grupo, que dá ideias que tu possa trazer, alguns medos que tu tenha, de repente, como contornar. Acho extremamente importante, muito bom, realmente, o programa (Servidor 07).

... eu me senti mais tranquila. Me tranquilizou, sabe, me deu um calorzinho, sabe, de ver que, assim, tem gente na mesma situação do que eu, porque a gente fala de aposentadoria com os colegas que estão sentados do nosso lado, mas eles não estão nem aí para ti, né, nem sabe do que tu está falando, porque ele só vai sentir a aposentadoria quando estiver próxima dele (Servidor 08).

(...) ao discutir este assunto com o grupo, percebi que algumas coisas que estavam latentes em mim foram despertados quando eu escutei os colegas falando (Servidor 05).

Um participante revela:

Essa experiência foi e é fantástica, é uma experiência que tem que continuar, porque na medida em que, na realidade, a última experiência já

foram várias ações né, desde conversas de aposentados, né, com o pessoal que não tá aposentado, cada um contando a sua história, já foram pessoas falando sobre questões financeiras, questões de saúde, questões de interação, né, mas especialmente esse último evento de hoje, ele foi para mim o mais significativo, em que foi o momento em que as pessoas, o grupo todo começou a se colocar, tipo assim, olha, o que tu quer, o que tu pretende, o que tu pensa, cada um tinha o seu tempo para responder e todos falaram e não era uma atropelação, todo mundo tinha direito de falar o tempo que quisesse. Então tinha muita coisa, assim, tu começa a olhar pra outras pessoas, puxa, não pensei nisso, nossa, por exemplo, teve uma pessoa que me fez refletir, mudar de concepção uma coisa. A pessoa disse assim: “quero fazer um ano sabático, eu não quero fazer nada, quero simplesmente curtir coisas que eu não fiz, quero passar um ano assim”. Eu digo, porra, eu não tinha pensado nisso, porque eu tinha pensado logo começar a fazer outra coisa, eu disse poxa, também quero passar um ano, nem que seja seis meses, não fazendo nada, e não fazendo nada não quer dizer isso, que eu vou ler na hora que eu quero sabe, vou ao teatro, vou no cinema, não é ter compromisso, então assim, o grupo te fez refletir, o grupo te faz pensar e a gente percebia isso, porque tinha pessoas que não tinham projeto nenhum pro futuro e elas começaram, poxa vida, eu vi que aquela pessoa falou isso, que ótimo; ah eu posso fazer isso também, né, não naquele modelo, mas num modelo parecido, né, então essa experiência no tribunal é fantástica e ela tem que continuar assim pros colegas que vierem se aposentar (Servidor 10).

A fala da servidora abaixo reflete sobre o impacto positivo do PPA inclusive no âmbito profissional:

Eu acho que ajuda e muito, inclusive, porque que acho que isso tem um retorno do ponto de vista profissional. Porque, digamos assim, essa possibilidade de tu trabalhar com mais, é, como é que eu posso dizer, com mais abertura ou com mais acesso, te da mais segurança, assim, na hora de tu, menos preocupações que podem refletir na tua atividade profissional (Servidor 11).

Pazzim *et al* (2016) corroboram com a fala acima ao mencionar que o PPA pode ser considerado como um investimento inteligente para o empregador que conquista o bem-estar do empregado beneficiado, o qual ainda se sentirá mais motivado a aumentar sua produtividade até o momento do desligamento com a empresa.

Apesar de todos os entrevistados terem destacado a atividade de vivência em grupo como a mais relevante em sua preparação, diversos relatos mencionaram também a importância das demais atividades como palestras e educação financeira, conforme se verifica no exposto pelo servidor 09:

Cada palestra, a cada participação, sei lá, a gente vai amadurecendo (...). A última palestra foi excelente, mas assim, excelente! (...) ele dava exemplos da vida real e tu olhava o pessoal sentado no plenário, e todo mundo assim,

com a sensação que essa sou eu, porque ele dava exemplos que tu te encaixava.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aposentadoria é, sem dúvidas, um marco na vida dos indivíduos. Levando em conta que, ao longo de nossa trajetória de vida, o trabalho ocupa um papel de grande representatividade, podemos considerar que o momento deste desvínculo, para muitos, pode ser um período de grandes turbulências.

Mesmo que cada pessoa atribua diferentes percepções e significados ao trabalho, e sabendo que essas percepções possuem muita influência na maneira como enfrentamos esse desvínculo, é muito improvável que algum indivíduo passe por essa fase sem qualquer tipo de inquietação.

O período de pré-aposentadoria é um momento propício para que as pessoas reflitam sobre como estão, ou não, preparadas para aposentar-se. Nesse período, a troca de experiências com pessoas que estão na mesma situação ou até mesmo que já passaram por ela, podem servir como uma maneira de acalmar aqueles mais cheios de temores, ou alertar aqueles que, apesar de estarem próximos de aposentar-se, nunca pararam para refletir sobre o assunto e podem não estar preparados em alguma esfera, o que pode acarretar consequências negativas mais à frente.

Em função do trabalho ocupar a maior parcela de nossos dias, e considerando todo o contexto do trabalho e da aposentadoria, o estudo visou compreender como os servidores do TRE-RS que estão vivenciando essa fase de pré-aposentaria estão se preparando, qual o significado do trabalho e da aposentadoria para eles, quais seus medos, anseios e quais expectativas possuem para esse novo ciclo que, apesar de conflituoso, não deixa de ser também almejado por muitos.

Por meio da análise das respostas obtidas nas entrevistas, foi possível verificar que, para todos os entrevistados, até mesmo para aqueles que alegaram trabalhar somente pela necessidade do dinheiro, a desvinculação do trabalho é causadora de receios. Um dos motivos que gera medos e angústias é o fato de a pré-aposentadoria ser a fase em que os sujeitos começam a pensar e planejar a “vida de aposentado” de forma mais ativa, e até mesmo para isso é preciso que se tenha um certo nível de autoconhecimento com relação a prazeres, atividades, amizades, etc., o que muitas vezes perdemos com a rotina apressada e a falta de

tempo acarretadas pelo trabalho. Esse aspecto gera em muitos um receio do “vazio”, de não saber como ocupar seu tempo livre.

Outro viés evidente nas respostas foi que, se por um lado o trabalho gera a falta de tempo e inclusive receios de como saber utilizá-lo, por outro, todos os participantes mencionaram entre suas principais expectativas possuir tempo livre. A aposentadoria não é vista como algo ruim; ao contrário, a maioria relaciona a um acontecimento bom, mas que precisa ser bem planejado para não se tornar um problema.

Um elemento que apareceu de forma unânime entre os entrevistados foi a relevância do Programa de Preparação para Aposentadoria, realizado pelo TRE-RS. Ao longo do programa já foram realizadas diversas palestras com especialistas trazendo reflexões e provocações sobre a “nova vida”, em diferentes aspectos, como o financeiro, a saúde, a família, etc. Também ficou evidente a importância das atividades de convivência e do espaço para a troca de experiências entre os indivíduos, fosse para compartilhar suas dúvidas, expectativas e inquietações, para possibilitar a busca de diferentes ideias de projetos e pontos de vista, fosse apenas pelo simples fato de poderem externalizar seus sentimentos. No decurso das entrevistas, foi possível identificar a forte relação de respeito e empatia desenvolvida entre os participantes do programa.

Com a pesquisa, tornou-se clara a necessidade da ampliação das discussões em nossa sociedade a respeito da preparação para o desvinculo do trabalho, bem como a importância de iniciarmos essas reflexões cada vez mais cedo em nossas vidas. Naturalmente, outros estudos são indispensáveis para se verificar aspectos diferentes sobre o tema da pré-aposentadoria. Tendo em vista que esse estudo foi realizado com um grupo pequeno dentro de uma organização pública, onde a estabilidade nos cargos possibilitou aos servidores ao longo do tempo, na maioria dos casos, planejamento financeiro, algumas questões que atingem trabalhadores de outros tipos de organizações podem não ter sido evidenciadas. O fato da maioria dos servidores entrevistados possuir nível superior completo também pode ser um fator de influência em alguns resultados. Deste modo, sugere-se que em trabalhos futuros sejam realizadas análises em grupos maiores e abrangendo trabalhadores de diferentes tipos de organizações, como, por exemplo, empresas privadas (trabalhadores que se aposentarão por meio do INSS), em diferentes setores, bem como diferentes graus de escolaridade.

Esse estudo me possibilitou, ao longo dos meses, construir não apenas uma experiência acadêmica, mas também uma grande experiência de vida através dos contatos e relatos ocorridos no TRE-RS.

REFERÊNCIAS

BOTTON, Alain de. **Os prazeres e desprazeres do trabalho**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

DEBETIR, Emiliana. **Preparação para aposentadoria e qualidade de vida**. 1999. 201 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

DEPS, Vera Lúcia. **A transição à aposentadoria, na percepção de professores recém-aposentados da Universidade Federal do Espírito Santo**. 1994. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1994.

DUARTE, Camila Vianna; MELO-SILVA, Lucy Leal. Expectativas diante da aposentadoria: um estudo de acompanhamento em momento de transição. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 45-54, jun. 2009, Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 mar. 2018.

IBGE. **Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2016**: Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão; IBGE, 2017.

FÔLHA, Fernando Antonio Silva; NOVO Luciana Florentino. Aposentadoria: significações e dificuldades no período de transição a essa nova etapa da vida. **XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, dez. 2011, Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/26133/5.27.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 out. 2018.

FRANÇA, Lucia Helena. **Repensando a aposentadoria com qualidade**: Um manual para facilitadores de programas de educação para aposentadoria em comunidades. Rio de Janeiro: Universidade Aberta da Terceira Idade; UERJ, 2002.

KUBO, Sergio Hideo; GOUVÊA, Maria Aparecida. Análise de fatores associados ao significado do trabalho. *Revista de Administração*, São Paulo, v. 47, n. 4, p.540-554, out./nov./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/38406>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

LEANDRO-FRANÇA, Cristineide. Prevenção e Promoção da saúde mental, Políticas Públicas sobre envelhecimento ativo e educação para aposentadoria. *In*: MURTA, S. G.; LEANDRO-FRANÇA, C.; SEIDL, J. (Orgs.). **Programas de Educação para Aposentadoria**: como planejar, implementar e avaliar. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014. p. 22-36.

MAGALHÃES, Mauro de Oliveira *et al.* Padrões de ajustamento na aposentadoria. **Revista Aletheia**, Canoas, n. 19, p. 57-68, jan./jun. 2004 Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942004000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 mai. 2018.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2002.

MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v41n3/v41n3a02.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

MURTA, S. G.; LEANDRO-FRANÇA, C.; SEIDL, J. Apresentação. In: _____. (Orgs.). **Programas de Educação para Aposentadoria: como planejar, implementar e avaliar**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014. p. 17-19.

PAZZIM, Tanise Amália. Preparando-se para a aposentadoria: aspectos psicológicos e comportamentais. In: _____.; PUGA, Débora Staub Cano Suárez de. (Orgs.). **Preparação para a aposentadoria: Conceitos e prática**. Curitiba: CRV, 2016. p. 139-174.

_____.; MOGETTI, Ereci Albuquerque; CARDOSO, Vanessa Faria. Ressignificando o trabalho para compreender melhor a aposentadoria. In: _____.; PUGA, Débora Staub Cano Suárez de. (Orgs.). **Preparação para a aposentadoria: Conceitos e prática**. Curitiba: CRV, 2016. p.77-100.

_____. PUGA, Débora S. C. S.; CARDOSO, Vanessa Faria; MOGETTI, Ereci Albuquerque. Programa de Preparação para a Aposentadoria (PPA): origens, características e roteiro para implantação em organizações do trabalho. In: _____.; PUGA, Débora Staub Cano Suárez de. (Orgs.). **Preparação para a aposentadoria: Conceitos e prática**. Curitiba: CRV, 2016. p.49-76.

PUGLISI, M.L.; FRANCO, B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

ROMANINI, Débora P.; XAVIER, Antonio A. P.; KOVALESKI, João L. Aposentadoria: período de transformações e preparação. **Revista Gestão Industrial**, v. 1, n. 3, p. 81-100, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/revistagi/article/view/157/153>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

SELIG, Gabrielle Ana; VALORE, Luciana Albanese. Imagens da aposentadoria no discurso de pré-aposentados: subsídios para a orientação profissional. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, 2010, vol. 13, n. 1, p. 73-87. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v13n1/v13n1a07.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2018.

SHIBATA, L.H. **Em busca de um novo caminho: o pós-carreira como oportunidades de realizações de potencialidades**. 2006. 174 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

ZANELLI, José Carlos. Processos Psicossociais, bem-estar e estresse na aposentadoria. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 319-340, dez. 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v12n3/v12n3a07.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

_____.; ANTLOGA, C. S. X. Planejamento de Programas de Educação para

aposentadoria. *In*: MURTA, S. G.; LEANDRO-FRANÇA, C.; SEIDL, J. (Orgs.). **Programas de Educação para Aposentadoria**: como planejar, implementar e avaliar. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014.

_____; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. **Orientação para aposentadoria nas organizações do trabalho**: construção de projetos para o pós-carreira. Porto Alegre: Artmed, 2010.

_____; SILVA, Narbal. **Programa de Preparação para Aposentadoria**. Florianópolis: Insular, 1996.

APÊNDICE I – Roteiro utilizado para as entrevistas semiestruturadas

1. Como você vê o trabalho ao longo de sua vida? Qual o significado do trabalho para você?
2. Como você vê a aposentadoria? Qual o significado da aposentadoria para você?
3. Como são seus círculos de relacionamento? Fora do expediente, você convive com seus colegas de trabalho? Você possui outros grupos além do trabalho e família?
4. Quais seus principais medos / receios com relação à aposentadoria?
5. Quais suas principais expectativas com relação à aposentadoria?
6. Você está participando do PPA TRE-RS. Você avalia essa participação no programa como positiva, negativa ou sem relevância no seu caso? Você entende que esse programa impactou de alguma maneira na sua preparação?
7. Qual a atividade que, em sua opinião, foi mais relevante/ impactante (caso haja)?